



d'Orey GAZETA



nº 3

ÍNDICE

Ruy e Elvira Albuquerque d'Orey
a partir de textos de José Luiz d'Orey (pág.2/3)

Detalhe dos descendentes de Vasco Jara de
Albuquerque d'Orey, por Mafalda Belmonte (pág.3)

Recordações de Luiza d'Orey Marchand (pág.3)

“Bonecas, peixinhos e outros recortes”
por Cecília d'Orey(pág.4)

“O que o Pai contava”
por Ana Maria Slewinski (pág.4)

“Alianças de Casamento”
por Elvirita d'Orey (pág.4)

“Na pista do Avô d'Orey em Berlim”
por Luz Câmara (pág.4)

“Uma carta amorosa”
da Maria Luiza Brito e Cunha (pág.4)

A Nucha em S.Paulo (pág.5)

Os primos d'Orey Bobone (pág.5)

Dili - Timor
por Isabel Gaivão (pág.6)

Baptizados de Vicente Biloti e de João Pires
(pág.6)

Fundação Maria Manoela e Vasco d'Orey
(pág.6)

Oh meu rico Santo António
Mas que grande confusão
Ajudem-nos também S. Pedro
Venha daí S. João

Gente bonita e esperta
Muito culta inteligente
Será que não poderiam
Arranjar nome de gente ?

O Beco e o Xavico
A Tachinha e a Lula
O Gica e o Quico
A Godo e a Fula

O Pino e o Pió
A Dôdô e a Gígica
O Gui e o Mimó
A Cázinha e a Quica

O Gaibéu e a Gi
O Rato e o Tátá
A Marichen e a Nini
A Padáu e a Fáfá

A Manon e a Pilita
O Zeta e o Requeté
A Conchinha e a Petita
O Bobi e o Nhé

A Ija e a Nina
O Verde e o Janota
A Peewee e a Bedina
O Titô e o Joca

A Bobicha e a Canita
A Azul e a Nucha
A Nico e a Manita
A Cáu e a Manucha

A Fáfás e a Blu
O Calminhas e o Ião
A Mia e a Gu
O Tajai e o Cão

A Tucha e a Ni
O Jana e o Bébé
A Miquica e a Zi
O Escusa e o Bé

A Baby e a Quiquita
O Quinho e o Reguim
A Lali e a Tita
A Baleia e a Tim-Tim

A Quiquinha e a Lija
O Taca e o Lhi
A Catucha e a Ija
O Guila e o Pi

O Mané e o Galhé
A Becas e a Binha
A Tareca e a Mémé
A Xinha e a Lelinha

Ora digam lá d'Oreys
Vejam se nos dão razão
Se estes nome e inda outros
Não serão nomes de cão ?



NOTAS DA REDACÇÃO

A Gazeta d'Orey não pode deixar de agradecer à Luisa Loureiro que nos tem proporcionado uma eficiente distribuição da Gazeta d'Orey. (lloureiro@mdados.pt). As alcunhas, (quadras de Santo António) foram inspiradas numa carta que foi enviada a Gazeta d'Orey pelo Pedro d'Orey(Beco) e que publicaremos num próximo número. Atenção ramo Rosa, a próxima gazeta irá concentrar-se no José Diogo Albuquerque d'Orey, o mais novo dos irmãos da primeira geração. . Ainda há muitos d'Orey, que desconhecem a Gazeta! Outros que a conheceram, com muita alegria, há bem pouco tempo! Está nas nossas mãos que ela chegue a todos ! Divulguem-na, passem aos primos, irmãos. Entreguem aos tios !

Redacção: Tim-Tim (laranja) e Nico (verde) Morada: Rua Afonso de Albuquerque, 14 2780 - 307 Santo Amaro de Oeiras
Fax: 214 213 156 email: anamaria@orexorex.net Paginação e tratamento de imagem: Bruno d'Orey Slewinski (verde)

A Gazeta d'Orey é uma publicação periódica, de distribuição gratuita, com carácter familiar, sem qualquer intuito comercial. Tem como objectivo, apenas, a comunicação no seio da família d'Orey.



RUY MOUZINHO DE ALBUQUERQUE D'OREY a partir de textos de José Luiz de Albuquerque d'Orey

Aliava a tenacidade prussiana à energia, coragem, arrojo e simplicidade dos Mouzinhos de Albuquerque. Não sabia o que era o medo. Tinha

grande paixão e uma admiração, quase sem limites, pelo seu Pai e pela sua Mãe. Era um homem afável. Muito amigo dos seus amigos e disso dava constantemente provas. No entanto, acima de tudo e todos, estava a sua família. Não só os seus mais próximos, mas também os primos e parentes.)

Era profundamente monárquico. Quando da instauração da República, pensou pedir a nacionalidade alemã. Não gostava de viver num Portugal republicano. Apesar de se sentir muito alemão, o seu



patriotismo venceu e ficou sempre português.

Durante a primeira guerra foi expulso de Portugal, assim como os seus irmãos Waldemar e Guilherme. O prestígio de Ruy d'Orey levou a que, pequenos e médios comerciantes, e empresários de Lisboa, se associassem num pedido ao governo para o seu regresso, assim como dos seus irmãos.

Conta-se, que um dia o seu irmão Luís lhe confidenciou, que estava muito interessado por uma menina linda. Gostava de lhe apresentar. Chegado o momento, Ruy ficou de tal modo encantado que disse ao mano para arranjar outra para si, pois que aquela ficava para ele. Pouco depois, a 18 de Novembro de 1883, Elvira da Conceição Jara, a linda menina que viera de Loulé e passeava no Chiado sempre muito elegante, casou-se com Ruy d'Orey.

Elvira da Conceição Jara d'Orey sempre adorou o Chiado e já bem velhinha, mas sempre muito chique, ia tomar chá, todas as tardes à Marques. Foram muito felizes e dos seus quatro filhos varões (houve uma bebé que morreu cedo) tiveram uma enorme descendência (em 122 anos 697 descendentes):

RUY: 82 a); WALDEMAR: 217 b); VASCO: 281 c); NUNO: 117 d)

a) Número dado pela Manucha (Maria José d'Orey Brito e Cunha Figueirinhas); (amarelo)

b) Número dado pela Rica (Ulricka Cardoso d'Orey da Câmara)

c) **Detalhe** dado pela Mafalda d'Orey de Figueiredo Cabral Câmara Soares, **já a seguir...!**; (amarelo e verde)

d) Número dado pela Coração (Maria do Sagrado Coração Jesus d'Orey da Câmara Archer) (amarelo e laranja)

Foi desportista, gostava de jogar ténis, mas os desportos náuticos eram os preferidos. Natação pesca e vela. Teve um iate lindíssimo, o Irma. Tinha uma tripulação de 6 homens. Com eles fez vários cruzeiros até ao Mediterrâneo. Vendeu-o porque a sua querida mulher não gostava do mar. Enjoava muito.

Foi dono da Quinta Grande no Seixal, aonde passava o Verão. Gostava de tratar dos seus animais. Como patrão era muito

exigente, mas estava sempre pronto a ajudar os seus empregados. Gostava de passar todos os anos uma temporada no Buçaco. Em 31 de Dezembro de 1929 escreve à mulher e filhos uma carta da qual transcrevemos alguns pontos:



“Querida Elvira e Filhos. Alguns poucos conselhos que me parecem úteis deixar aqui ficar escritos, e que vocês, que foram o meu único cuidado, o meu único amor e toda a minha preocupação durante esta já longa vida, seguirão ou não conforme as condições indicarem. Que prazer deixar-vos completamente independentes e livres de preocupações financeiras. O consolidar o futuro meu, e dos meus, foi sempre a minha preocupação e Deus permitiu que o conseguisse. Bendito seja Deus e o seu

Santo Nome. a Paz do Senhor esteja convosco e Ele vos abençoe. A Paz é amor e amar é benevolência e resignação. “Amam-vos uns aos outros como eu vos ame”. Levei as contrariedades da vida com resignação. Rezai pela minha salvação e dai graças a Deus de me ter conservado tanto tempo entre vós e pedi-Lhe que tenha misericórdia para com os meus erros”.

Nasceu no Faial em 5 de Dezembro de 1858. Era o terceiro filho dos fundadores da nossa família. Por ser o rapaz mais velho, o seu pai levou-o para o Colégio Militar alemão, Kadeten Korps em Bensberg, tinha ele 12 anos. Sabia que o seu pai estava muito doente. Quando se despediu, sabendo certamente que o não veria mais, escreveu este lindo e comovente relato:

....”despedi-me dele com um abraço que jamais esquecerei. Cobriu-me de beijos; pela comoção que então senti, calculo o que não seria a sua. A daquela alma tão bem formada para o amor. Lembro-me vagamente que me disse: - “ Si tu ne pourras supporter ce régime de Kadeten Korps écrits mois à Londres et je reviendrais te chercher. » O que é claro que não fiz e com o coração a sangrar, que ainda hoje sangra ao escrever estas linhas, fui para a cama com o firme propósito de fazer tudo quanto me cabia para cumprir quanto me recomendara aquele, que em vida tanto admirara, tanto adorava e que tanto desejo tinha de o imitar”.

Seu pai morre dois anos depois, sem que se tivessem tornado a ver. Não pode continuar os estudos na Alemanha. Regressou a casa, para começar a trabalhar e ajudar a mãe que tinha muitos filhos para educar e a maior parte ainda muito pequenos. Foi sempre reconhecido pelos irmãos como o chefe da família. As dificuldades económicas eram muito grandes. A sua mãe era uma Senhora de rija tempera, não hesitando duas vezes em desfazer-se do supérfluo para acudir ao necessário. Tiveram que vender alguns haveres e até alguns de grande valor estimativo para fazer face às despesas. Tinha que educar os filhos bem e para isso não se olhava a sacrifícios. E que bem que os educou !



O seu primeiro trabalho, com 14 anos, foi no Banco Inglês. Cedendo foi promovido a assessor do Director. Ainda menor de idade, fundou com o seu futuro cunhado Joaquim Pedro Quintella uma firma que mais tarde se transformou em Ruy d'Orey & Cia. Em 1900, associando-se a José Antunes dos Santos, fundaram a Casa Orey Antunes & Cia. Certamente com muito bom nome nos meios comerciais, teve a ajuda preciosa do seu irmão Waldemar. Durante 40 anos trabalharam lado a lado. Tinham feitios muito diferentes, mas completavam-se. Foi assim que os outros irmãos puderam estudar na Alemanha.

À medida que todos os irmãos iam terminando os estudos foram-se associando à casa Orey Antunes. Todos foram sócios até 1940. Pela quantidade muito grande de descendentes, entenderam, de comum acordo, unificar as principais quotas.

Aos 82 anos, teve que cortar uma perna por causa dos diabetes. A operação foi feita em casa. Devido à sua avançada idade não pode levar anestesia. O método para reduzir o sofrimento foi com gelo, e assim atenuar a dor. Com muita coragem e sempre muito activo, depressa se habituou às muletas e continuou a fazer uma vida normal e até fez uma viagem de avião na KLM para experimentar a modernidade.

DETALHE DOS DESCENDENTES DE VASCO JARA DE ALBUQUERQUE D'OREY

por Mafalda d'Orey de F. Cabral Câmara Soares

Pois é. Pediram-me para contabilizar os descendentes do Vasco d'Orey. Começo por dizer que são muito e bons. Bem, nem todos são bons, alguns são óptimos e outros menos mal, mas destes últimos nem vou falar porque não contam em género, só em número. Temos para todos os gostos e feitios e vou passar de imediato a descrevê-los, começando pela nobreza implícita ou explícita (doença de que a nossa família sofre desde a segunda geração), senão real, pelo menos imaginada, aumentada e muito acarinhada por todos.

Ele há os Reis: uma data deles, principalmente na barriga. Não, não é nada disso que estão a pensar! Não quero dizer que têm o rei na barriga, mas sim que têm barrigas de reis. São aí uns 19.

E as Rainhas: Como as mulheres deste ramo são realmente especiais, nesta categoria cabem todas as que têm mais do que vinte e cinco anos. Abaixo da faixa etária supracitada surgem as princesas. Grosso modo devemos ser mais ou menos metade da população em análise, que é como quem diz umas 86

Não temos nenhum general nem nenhum homem com qualquer outra patente, no activo, mas temos pelo menos duas (2) generalas que preenchem exemplarmente esta lacuna masculina. Quem já esteve ou está debaixo do comando delas, sabe que a sua

Aos 88 anos teve que cortar a outra perna. No hospital foi sempre estando a par de tudo o que se passava no escritório. Morreu na sua casa na Rua do Sacramento à Lapa dando mais uma vez provas da sua coragem e fé. As suas últimas horas de vida foram de oração, repetindo muitas vezes Glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade. Acrescentava ainda, quanto mais me aproximava de Deus, mais fé tenho e religioso sou. A cada filho traçou na testa o sinal da cruz dizendo "eu te abençoo (Waldemar, Vasco e Nuno) em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. Amen". Agradeceu "à minha querida Elvirinha, minha companheira de tantos anos constantemente vividos no maior amor, na maior felicidade e harmonia, a sua bondade".

Encarou a morte de frente com a firmeza e a serenidade dos justos, com o desassombro e Paz de consciência. Chamando o seu filho Nuno pediu para que no dia seguinte à sua morte, reunisse todos os empregados do escritório e lhes dissesse, de sua parte, o que no dia anterior se tinha passado naquele quarto. Que lhes pedisse perdão em seu nome se alguma vez os tivesse ofendido ou melindrado. Nunca tinha sido essa a sua intenção.

Pediu por fim para os filhos não chorarem, dizendo que seria bom que depois do que se tinha acabado de passar que Deus o chamasse

competência iguala ou supera a de qualquer militar do nosso país. O nível médio do QI é surpreendente, neste ramo! Entre génios e loucos (confundem-se sempre, como sabem) somos muitos (139) graças a Deus! Os que não se incluem numa destas duas categorias são um bocadinho maçadores... Adiante.

Também no aspecto artístico o balanço, é deveras positivo e dentro das categorias de arte convencionadas, ele há de tudo um pouco: actores (normalmente as atuações são inesperadas e dispensam qualquer ensaio) pintores, escritores, dançarinos (o jogo de cintura que alguns de nós também é notável), escultores e, com a tecnologia moderna ao alcance do cidadão comum... até realizadores de cinema há! Grosso modo devemos ter entre nós uns 39 artistas consagrados. Fisicamente começa a ser complicado contabilizar se há mais loiros que morenos. Ao princípio os loiros verdadeiros eram 15. Ao longo do tempo houve muitas de nós que foram ficando loiras (27).

Loiras naquele sentido não há nenhuma. Mas há morenas burras: 1 (não vou dizer quem é, ela matava-me e nesta gazeta quanto menos tristezas tivermos que comunicar, melhor).

Parece-lhes muita gente? Eu avisei. Fazendo contas de merceeiro, primos direitos somos mais ou menos 74, filhos de 16 irmãos que com os respectivos cônjuges perfaz o lindo número de 106. Com os nossos filhos, só Deus sabe, mas à razão de uns três por primo façam-lhe as contas!

Eventualmente este número não está actualizado porque, à data da saída desta gazeta, vá-se lá saber se não acabou de nascer mais um!

mafalda.s@sapo.pt

AS MELHORES RECORDAÇÕES...

por Luiza Maria Burrige d'Orey Marchand (rosa)

Além de gostar muito do tio Ruy, que era meu padrinho, tinha por ele uma enorme admiração. Talvez também porque o meu pai (José Diogo Albuquerque d'Orey), seu irmão mais novo e sempre muito acarinhado por ele, me tivesse transmitido essa grande admiração. Para ele o mano Ruy era o seu padrão. Sempre ouvi contar que, quando o meu pai era muito pequeno perguntava certo dia a sua mãe:

- Oh mãe, mas Deus sabe tudo? A resposta foi afirmativa evidentemente.

Ele, não muito convencido voltou a perguntar: - Mas sabe mais que o mano Ruy? ...

Sempre que vínhamos a Portugal, era em casa do tios Ruy e Elvira, que nos instalávamos. Sempre nos sentimos lá muito bem.

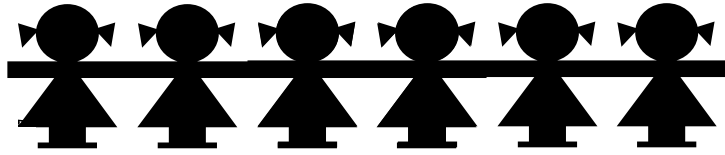
Por outro lado a tia Elvira, uma Senhora muito boa, encantadora, era duma enorme humanidade. A minha mãe era americana. A sua adaptação aos usos e costumes dos portugueses não foi muito fácil. Ficou sempre muito grata à Tia Elvira, pelo apoio, carinho e grande compreensão, que ela lhe deu. Foi uma ajuda preciosa. A festa do meu casamento foi em casa deles.

Guardo deles as melhores recordações!



BONECAS, PEIXINHOS E OUTROS RECORTES

por Cecília de Albuquerque d'Orey (amarelo e verde)



A imagem mais nítida que tenho dele, é no terraço da quinta de Sassoeiros a explicar-nos a 6ª Sinfonia de Beethoven. Com estas bonecas, ou peixinhos, ou árvores, ao mesmo tempo que nos dizia: "Oçam agora as camponesas a dançar no campo" ou "Oçam o rio a correr com os peixinhos a nadar". E, lá abria as bonecas, ou os peixinhos, que tinha cortado minutos antes, num papel branco qualquer! Eu era muito miúda, mas fascinava-me o "audio-visual" ao qual não estava habituada. Realizei mais tarde, que era sobretudo a sua paciência e amor, que adorávamos! cecilia.orey@netcabo.pt

O QUE O PAI CONTAVA...

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (verde)

Não conheci o tio Ruy, mas o pai (José Diogo Sampayo d'Orey) costumava contar que o tio Ruy era muito exigente e preocupado com todos os detalhes. Estava ao corrente de tudo. Em determinado dia na Orey Antunes, um contabilista apresentava-lhe as contas. O tio Ruy não concordava com a apresentação da "escrita"! O competente funcionário tentava demovê-lo, pois bem sabia que tinha de ser mesmo assim. O tio Ruy insistia que não! Depois de esgotados todos os argumentos, o zeloso funcionário diz: "Mas oh Sr. d'Orey, é a Lei !!!! O tio Ruy vencido mas não convencido, termina com o seu sotaque muito próprio: "Então que se mude a Lei!"

NA PISTA DO AVÔ D'OREY EM BERLIM

por Maria da Luz d'Orey da Câmara (amarelo e laranja)



As manas Coração, Luz e Helena em Berlim, a reviver os sítios por onde estiveram o Trisavô d'Orey e o bisavô Ruy, quando por lá passaram a caminho do Kadettenkorps.

Aqui estão sob as Tílias, ou seja, em "Unter den Linden" uma das Avenidas fabulosas, aliás como Berlim inteira.

Foi divertidíssimo. Aconselha-se!



Ilha de S.Miguel, 1930

Bisavós Ruy e Elvira, com as netas Maria Luíza(1ª da direita) e Pázinha(2ª da direita).

Maria José d'Orey Brito e Cunha Figueirinhas (Manucha) (amarelo)

ALIANÇAS DE CASAMENTO

por Maria Elvira Amaral Lopes d'Orey (amarelo e verde)

Quando o tio Ruy casou com a tia Elvira Jara, a sua mãe, deu-lhe a aliança de casamento do seu pai Guilherme Achilles d'Orey. Quando a sua mãe morreu a sua aliança de casamento estava destinada a ser usada pela tia Elvira, que não a quis usar. Receava passar por viúva. Quem a passou a usar foi a sua neta, Maria Luiza d'Orey Brito e Cunha.

Quando o tio Ruy morreu, deixou em testamento a aliança de casamento do fundador da nossa família, ao seu filho Vasco. A Maria Luisa achou por bem dar a aliança que usava, à tia Manoela, para que as alianças não fossem separadas.

Quando o tio Vasco morreu, por sua vontade a aliança de seu avô passou a ser usada pelo seu filho Guilherme. A tia Manoela achou por bem que a aliança da fundadora da nossa família, também sua avó, passasse a ser usada pela Elvirita. Mais uma vez para não separar as alianças.

Quando o Guilherme morreu a sua aliança passou a ser usada pelo Carlos, filho mais velho deste, e a Elvirita deu a sua, à mulher do Carlos, Carmo. Continuam portanto juntas. Elvirita

UMA CARTA AMOROSA !!

cedida por José Luiz Albuquerque d'Orey

Meu querido tio Vasco,

Desculpe vir massa-lo mas constou-me que fui aqui há tempos criticada por não ter ligado a importância devida à aliança da avó d'Orey, que me foi dada pelo avô, por eu ser a filha mais velha do meu Pae e ter o mesmo nome da bisavó.

Não creia tio Vasco. Fui sempre habituada pelo Pae a dar muito valor a tudo quanto eram tradições de família e ter um verdadeiro culto pela memória dessa Senhora.

A explicação é outra !

Perante a terrível e trabalhosa doença do avô, ouvi-o repetir muitas vezes, não só a mim como a várias pessoas incluindo às enfermeiras que o estiveram tratando que assim que morresse lhe tirassem a aliança e a entregassem ao seu filho Vasco para ele a usar e guardar. Que essa aliança era já do seu Pae e que era para ele, avô, o símbolo de união de família e que entendia que só o Vasco seria capaz de continuar essa obra de pacificação, amizade e união.

Entendi nessa altura que completava o desejo do avô entregando à sua mulher a outra metade desse símbolo.

Por sorte a sua mulher é a tia Manoela.

Não estou arrependida do que fiz. Se voltássemos atrás tornava a fazer o mesmo e estou certa que o avô me aprovaria.

Até muito breve, espero que explique aos outros o que se passou se alguma vez ouvir atacar-me e se achar que vale a pena.

Um grande abraço da muito amiga e grata,

Maria Luiza

(Maria Luiza Cardoso de Albuquerque d'Orey Brito e Cunha)



Da Nucha (amarelo e verde) de S.Paulo Mariana Francisca Roque de Pinho d'Orey Cravo



A Gazeta d'Orey é uma DELÍCIA! Benditas as da Idéia! PARABÉNS. Não sonham o prazer que tenho tido em lê-las e relê-las. Foi tema de conversa com as minhas filhas que também gostaram muito. O que posso dizer de mais interessante é o quanto a família é importante na nossa vida!. Quando estamos MUITO longe é que nos damos conta do quanto é bom ter família por perto. Faz 29 anos que deixei o meu Portugal para ir atrás de um sonho. Vivi momentos maravilhosos, conheci o mundo, conheci culturas, e constituí uma bela família. Levei as minhas três filhas - Marta, Vera e Mariana - para essa aventura. Talvez lhes tenha mudado o destino?... Tive mais dois filhos o Arnaldo e a Lulu.

Em virtude da carreira diplomática do meu marido, Arnaldo Cravo, morámos em Montevidéu, Brasília, Oslo, Cabo Verde, Roma, Manila, Bucareste, Kiev, etc... Conheci gente maravilhosa, tenho montes de amigos por toda a parte, que visito e que nos visitam e que enriquecem a nossa vida.

Hoje, por causa da estabilidade dos filhos, o Arnaldo pediu aposentadoria para podermos ficar perto deles.

A MARIA, mora em Lisboa - Trabalha em decoração e faz pinturas "tromp l'oeil".

A VERA, casou, teve o Rodrigo (18 anos) separou-se e casou de novo. Está muito feliz. É uma empresária muito bem sucedida.

A MARIANA, é uma boa profissional na área de administração. Comprou uma Banca de jornais e revistas em Brasília. Está muito contente com o negócio que, apesar de muito trabalhoso, lhe dá muita satisfação,

O ARNALDO (Dico) - formou-se na Universidade de Bath em Administração de Empresas e Economia. Foram 4 anos de muita saudade, mas que estão dando seus frutos. Trabalha na TELEFONICA, onde é muito respeitado como profissional.

A MARIA LUIZA (Lulu) Formou-se em Inglaterra, na Universidade de Bristol, em Economia e Política. Trabalha como consultora da Bearing Point. Decidiu, ano passado, ser DIPLOMATA como o pai. Está estudando para isso.

O RODRIGO -(neto) Faculdade de jornalismo. Apaixonado por KART, já ganhou vários prémios nacionais na sua categoria. Está sempre na média! É sensacional.

Quanto a mim, desde da aposentadoria do Arnaldo, montei um antiquário. É muito bonito, dá-me um prazer enorme. Estou completamente apaixonada pelo assunto. Trabalho muito, faço avaliações, sou chamada para opinar, faço palestras, etc. Somos uma família muito unida e muito alegre. A minha casa está sempre cheia de gente de todas as idades e fazemos muitos programas juntos.

Tivemos algumas dificuldades, algumas pedras no nosso caminho, mas, graças a Deus sempre conseguimos superar os momentos difíceis. Hoje, acho que encontramos um equilíbrio e navegamos em águas calmas. Amén.

marianacravo@terra.com.br

OS PRIMOS D'OREY BOBONE em 1954 e 2004



Fotografia de Augusto Bobone

Em pé da esquerda para a direita:
Manuel Carlos d'Orey Bobone (Mané), Tereza de Jesus d'Orey Lencastre Bobone, Francisco Guilherme d'Orey Bobone (Tico)



Fotografia de Frederico Van Zeller

Sentados da esquerda para a direita:
Eduardo Nuno Albuquerque d'Orey Bobone, Maria Leonor d'Orey Lencastre Bobone, Felipe José Albuquerque d'Orey Bobone e Vasco Miguel Albuquerque d'Orey Bobone



DILI - TIMOR

por Isabel O'Neill Macarenhas Gaivão (verde)

O ano passado, estive em Dili a ensinar na Universidade Nacional de Timor Leste a alunos timorenses. Ensinei Genética que é a minha área de ensino e investigação na UTAD (Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro), à licenciatura em Ciências Agrárias (3^a ano), no âmbito do programa de cooperação da Fundação das Universidades Portuguesas que financia a ida de docentes portugueses para Timor para leccionarem 4 licenciaturas (Ciências Agrárias, Economia, Eng.º Electrotécnica e Informática)

Os alunos eram muito interessados, apesar de terem algumas dificuldades com português.

Foi uma experiência muito gira. Eramos 30 professores de várias universidades. A mudança foi muito grande. Saí de Vila Real, onde moro, com temperaturas negativas, e cheguei a Dili (48 horas + 4 aviões) com 30°C. A humidade relativa é altíssima. Certamente pelo clima, a vida em Dili é relaxada, há que andar devagar, pois com o calor não se pode ter pressas. Isto faz com que o ritmo de vida abrande em Relação ao que estamos habituados.



Dili é uma cidade plana, por isso comprei uma bicicleta para me deslocar. Pensei no destino que iria dar à bicicleta no final da minha estadia. Resolvi premiar o melhor aluno à minha disciplina. Assim foi. Ao conhecerem a minha decisão, fartaram-se de estudar genética. Foi o Osório o melhor aluno.

Aproveitávamos os fins de semana para conhecer a ilha. Apenas possível com carros todo o terreno, lá iam sempre em grupos. As estradas são terríveis, não há seguros automóvel, os riscos enormes. Correu sempre tudo bem e ficamos a conhecer a ilha desde a ponta leste, com o ilhéu Jaco, até à fronteira com a Indonésia. A pousada de Baucau, aonde ficamos algumas vezes, parecia-nos muito luxuosa, comparando com tudo à volta, que é de facto muito pobre. As praias são lindas, o mar muito azul e quente, onde se vêem corais e peixes coloridos. Na costa sul, há que ter cuidado com os tubarões e jacarés. Tanto em Dili como no resto do país, há imensos vestígios portugueses. As ruas têm todas nomes de portugueses. Encontrei a Rua Mouzinho de Albuquerque! Os nomes dos timorenses são tipicamente portugueses. Os edifícios mais bonitos são os antigos mercados, aquartelamentos, etc do tempo português. Há muita coisa degradada. A marginal de Dili e outros jardins, pode-se perceber que já foram muito bonitos. Agora estão muito abandonados. Faz pena! Timor Leste tem uma natureza linda, um mar lindo, um povo muito simpático. Tudo marca bastante. Fiquei com vontade de repetir!

BAPTISADO

Vicente d'Orey Biloti (verde)

No dia 9 de Abril de 2005, na Igreja de Santos foi celebrado o baptismo do Vicente d'Orey Biloti, pelo Padre Stillwell. Filho de Maria Sampaio Borges de Sousa d'Orey e John Joseph Biloti.



BAPTISADO

João Soares de Oliveira Santos Pires (verde)

No dia 15 de Maio de 2005, foi celebrado o baptismo do João Soares de Oliveira Santos Pires, na Igreja de S. José de Ribamar pelo Pároco de Algés, Padre António Simões. Filho de Luisa d'Orey Soares de Oliveira e de João Vasco Ferra dos Santos Pires.



SITE DA FUNDAÇÃO

A **Fundação Maria Manoela e Vasco d'Orey** (amarelo e verde) já tem site! www.dorey.pt As Gazetas d'Orey estão lá todas!!! Há uma parte de geneologia. Vão fornecendo elementos ou corrigindo os que não estiverem certos. Afinal de contas esta obra ficará tanto melhor, quanto melhor fôr o empenho de todos nós.